

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO



Benjamin Ribeiro da Silva
Presidente do Sieesp

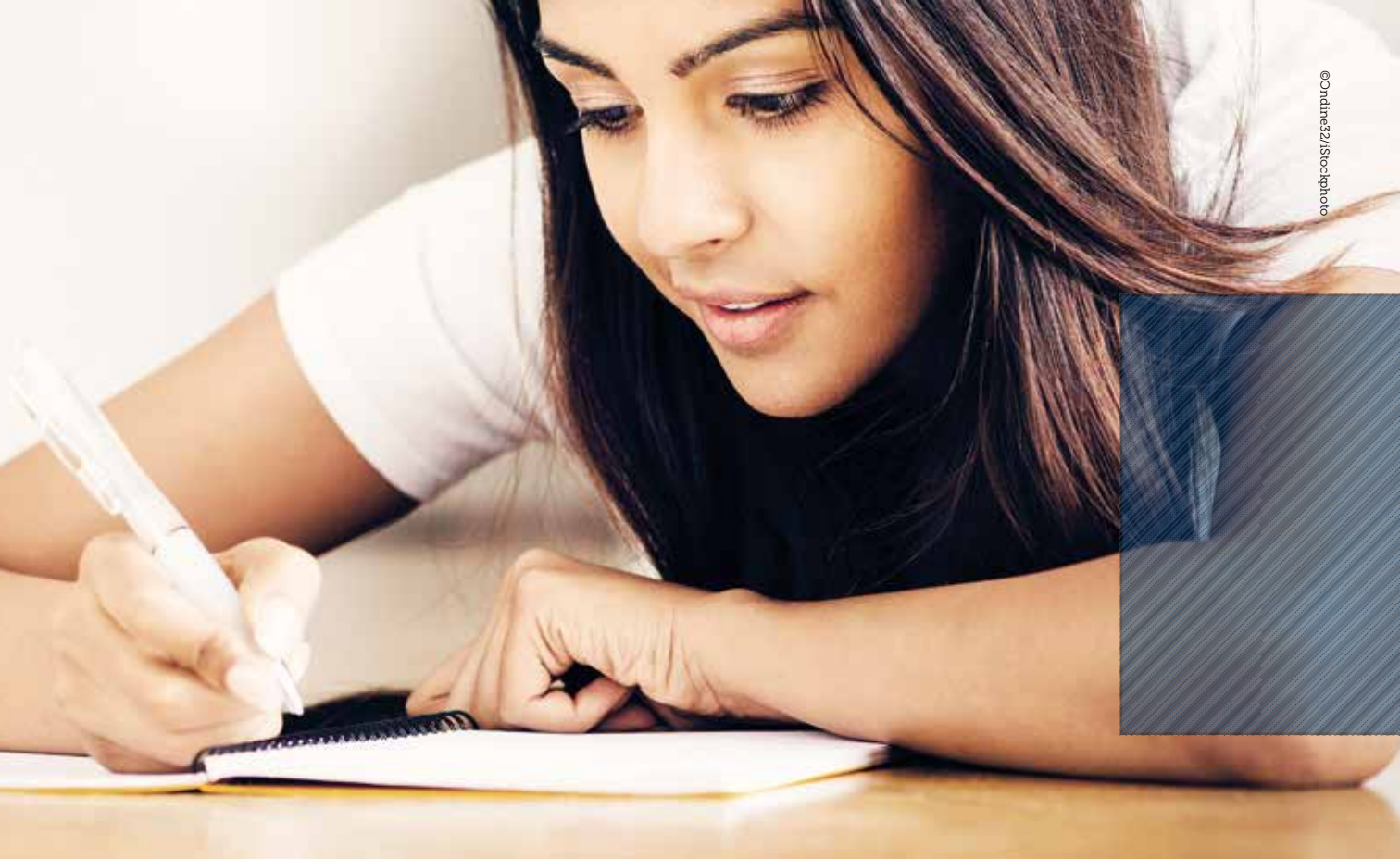
Educação é sinônimo de planejamento. Entendo que esse segmento deixa muito a desejar, colocando o nosso País bem abaixo nas estatísticas mundiais. Um dos gargalos é o Ensino Médio, muito engessado, ineficiente e desconectado da realidade atual, com um currículo extenso que dificulta o aprendizado. Sempre fui a favor de uma reforma que atualize e modernize esse sistema de ensino, ajudando a preparar nossos jovens para o mercado de trabalho.

Para combater o desempenho estagnado e a evasão, o presidente Michel Temer resolveu montar uma nova arquitetura do Ensino Médio, estabelecida através de Medida Provisória, indicando que apenas as disciplinas de língua portuguesa, matemática e inglês serão obrigatórias durante os três anos que compõem a etapa. As demais passam a ser optativas da metade para o fim, a depender da área de conhecimento que o aluno decidir seguir, entre cinco possibilidades: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Técnico. O governo pretende inserir, até 2018, 514 mil alunos no Ensino Médio

no regime de tempo integral, com pelo menos 7 horas/aula por dia. A ampliação gradual da jornada, das atuais 800 horas para 1,4 mil, vai exigir investimentos de R\$ 1,5 bilhão pelo Ministério da Educação. Cada escola convertida vai receber um valor de incentivo de R\$ 2 mil por aluno anualmente.

A proposta divide especialistas em Educação com opiniões contrárias e a favor da medida. Uns entendem que a proposta é correta, pois não dá para ter 13 disciplinas e a atual carga horária, opinando que o Ensino Médio está estagnado e em patamar muito abaixo desde 2009, tanto em língua portuguesa quanto em matemática, e é preciso agir com urgência. Se compararmos com países que estão no topo da educação mundial, não encontraremos modelo igual ao do Brasil, que há muito tempo era para ter sido revogado.

Outros especialistas entendem que a flexibilização é positiva, em tese, mas, tal como está formulada na Medida Provisória, pode aumentar a desigualdade que já existe no País. Os exemplos apresentados são de países desenvolvidos, que muito cedo já destinam os alunos para



diferentes carreiras, mas que não têm grandes desigualdades sociais. Os contrários acham que a pressa na reforma do Ensino Médio deve ser a principal inimiga do governo federal em seu projeto de salvar essa etapa, considerada uma das mais problemáticas da Educação Básica; sem diálogo prévio com professores e estudantes, vai aumentar a dificuldade para tornar o projeto uma realidade.

Segundo Maria Helena Guimarães, secretária-executiva do Ministério da Educação, na rede pública, caberá às secretarias estaduais de Educação definir quais opções cada escola oferecerá, pois a escolha será limitada, é um rearranjo e não será simples nem automático.

No universo das escolas particulares, que também terão que seguir a reforma, as melhores já vinham se flexibilizando, mas mesmo assim terão muito trabalho, já que persistem ainda muitas dúvidas. Por esse motivo, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieesp), entidade que presido, já criou uma comissão de notáveis para estudar as medidas propostas e enca-

minhar soluções que colaborem com a viabilidade do projeto. As mudanças demandam esforço financeiro, pois muita gente especializada do mercado terá que ser recrutada. Há muito alvo-roço, tanto na rede pública quanto na particular, para saber o que sairá do currículo obrigatório; comenta-se que sociologia e filosofia seriam as primeiras a desaparecer, mas fala-se também em artes e educação física. Tudo a ser confirmado.

Enfim, são muitas as dúvidas, como a qualificação dos professores; faltam mestres para dar aulas de física, química e matemática. A Medida Provisória que flexibiliza o currículo e fomenta a ampliação do tempo integral entrou compulsoriamente na pauta do Congresso Nacional e deve ser votada em até 120 dias.

Esperamos que, sanadas todas as dificuldades, tenhamos um Ensino Médio de qualidade, à altura das necessidades dos jovens, que anseiam por um País mais próspero e desenvolvido. ■

benjamin@einstein24h.com.br